

ARACNE NAS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO: O MITO COMO REPRESENTAÇÃO DA *PAX DEORVM* NO PRINCIPADO

Luiz Augusto J. Vieira¹

Resumo: A boa relação entre humanos e deuses (*pax Deorum*) era a garantia da ordem romana. Com a ascensão do Principado, este costume foi mantido e respeitado entre os cidadãos. Dentre os mitos que alertam sobre as consequências da desordem, está Aracne, narrado por Ovídio nas *Metamorfoses*.

ARACNE IN OVID'S *METAMORPHOSES*: THE MYTH AS REPRESENTATION OF *PAX DEORVM* IN THE PRINCIPATE

Abstract: The good relationship between humans and gods (*pax Deorum*) was the guarantee of the Roman order. With the rise of the Principate, this custom was maintained and respected among citizens. Among the myths that warn about the consequences of the disorder, is Aracne, narrated by Ovid in *Metamorphoses*.

Introdução

Durante as guerras civis, Roma passou por mudanças políticas. A *res publica* que viviam os romanos sofria desgastes e seu sistema administrativo já não tinha mais a confiança por parte da população. Neste cenário envolvendo, também, conquistas territoriais, ganha destaque a figura dos chefes-militares. Entre estes personagens, Otávio prosperou.

Em 27 A.E.C Otávio emerge com o título de Augusto. Isto significava que ele estava investido de uma missão divina, e que seria ímpio não obedecer às suas ordens (GRIMAL, 2011, p. 129). Além disso, recebeu em 23 A.E.C. o privilégio do *imperium maius*². Era o *princeps*, o *pontífex maximus* (o Primeiro Cidadão de Roma por excelência; o Sumo-Sacerdote) e o Senado não tomava mais as decisões por conta própria. A nomeação de Magistrados, Senadores, cargos militares, eleições de sacerdotes e autorização de festivais eram feitos por Augusto.

Res Publica significava mais que um conjunto de cidadãos e sim, um conjunto de assuntos envolvendo a comunidade romana, assim como a forma de governo que

¹ Graduado no curso de História (Licenciatura) pela Universidade Veiga de Almeida; Pós-Graduando pelo curso de especialização em História Antiga e Medieval (NEA/UERJ).

² Permitia ao portador subjugar-se perante os governantes.

preservasse os interesses coletivos e garantisse a ordem, a liberdade contra o estabelecimento da monarquia, ou seja, um governo de um só (MENDES, 2006, p. 21). Neste contexto, Otávio buscará legitimar seu poder mantendo as tradições e propondo mudanças estruturais na sociedade republicana, sendo ele um detentor do poder pessoal.

O *princeps* era o cidadão romano por excelência, aquele que havia lido os antigos e se inspirava em suas decisões, cuja imagem refletia os mais altos valores políticos, morais e culturais, um modelo a ser seguido por seus concidadãos. Sua principal tarefa era reger a justiça entre as partes discordantes da sociedade e manter a concórdia e a unidade do Império romano. A ênfase da propaganda de Augusto como *princeps* recaí em seu papel como magistrado: a vitória e o bem estar do povo romano dependiam da liderança do melhor dos seus cidadãos (PIRES, 2014, p. 119).

Contemporâneo de Augusto, o poeta lírico romano Públio Ovídio Naso escreveu (entre outras grandes obras pessoais) as *Metamorfoses*. A narrativa da obra conta com histórias amorosas envolvendo humanos e deuses da mitologia greco-romana. Possui caráter cosmogônico e também etiológico. Em outras palavras, o título da obra está relacionado às metamorfoses sofridas pelos personagens, que causam ou originam diversos atos.

Partindo da ideia de que os mitos apresentam-se como possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos (SELEPRIN, 2010, p. 1), buscaremos neste artigo relacionar o mito de Aracne, narrado por Ovídio nas *Metamorfoses*, à *Pax Deorum* no Principado.

***Pax Deorum* no principado**

A ordenação do espaço físico empreendida por Augusto pode ser diretamente relacionada com a *pax Deorum*, ou seja, a paz existente entre os deuses e cidadãos romanos (PORTO, 2017, p. 139). Fowler afirma que Augusto tinha como um de seus objetivos, restabelecer a ordem por meio de um “direito divino”, com a ideia de que os deuses não apoiariam os humanos em seus feitos e interesses se não fossem propiciados adequadamente (2008, p. 431).

Otávio buscou enfatizar a devoção aos deuses. Ele busca resgatar o costume dos antepassados (*mos maiorum*) e manter a *pax Deorum*. Augusto se responsabilizou pela reformulação de templos e da construção de novos, sendo ele o sumo-sacerdote. Uma vez que o detentor do poder religioso é o mesmo indivíduo que mantém o controle político do novo regime do Império, rapidamente ele se tornou o “cabeça” da religião do Estado e suas ações cada vez mais refletem esta posição. (BELTRÃO, 2008, p. 147).

A concórdia entre homens e deuses é a garantia da ordem romana (BELTRÃO, 2006, p. 146). Ao respeitar suas divindades, principalmente dentro dos templos, o cidadão romano estaria mais perto de garantir a ordem social. Um comportamento que fosse contra a ordem poderia levar a sociedade ao caos e à desagregação (BELTRÃO, 2006, p. 146). Neste caso, o conceito de mito pode estar ligado à visão de Ciro F. Cardoso, o qual classifica religião como um esforço das sociedades humanas no sentido de adquirir o controle daquilo que, em sua experiência concreta da realidade, parece escapar aos restantes meios humanos de controle (1992, p. 12).

O mito de Aracne nas *Metamorfoses* como representação do imaginário romano

Neste sentido, a narrativa etiológica de Ovídio ganha uma margem para interpretação. O mito de Aracne³ pode ser relacionado ao contexto moralizante no qual vivia Roma diante do Principado. Este e muitos outros mitos narrados nas *Metamorfoses* possuem enredos semelhantes: um personagem humano que, bem ou mal, se relaciona com uma divindade e acaba sofrendo consequências pelos seus atos.

Aracne, jovem de família humilde, era famosa por sua arte de bordar. Sua habilidade impressionava até as ninfas, que abandonavam os córregos e vinhedos para desfrutá-la:

Aracne granjeara nas cidades lídias um nome famoso.
Para admirarem a beleza de sua obra, as ninfas abandonavam,
Frequentemente, os bosques do seu querido Tmolos⁴,
Abandonavam suas queridas águas as ninfas do Pactolo⁵.
(OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 14-16).

Com tanta admiração, a jovem começa a se comparar com as habilidades da deusa Atena, que se enfurece ao saber disto. A deusa, então, desafia Aracne para decidir quem é melhor.

E não eram só os vestidos feitos, gostavam também de
observá-los
Enquanto se iam fazendo, tal era a beleza de sua arte!
Quer formasse os primeiros novelos da lã ainda virgem,
Ou com os dedos repuxasse o fio e desemaranhasse a lã,
Que figurava uma nuvem e que era tirada em floco que se alongava,
Quer fizesse rolar com polegar ligeiro o torneado fuso,
Ou bordasse, logo se via que fora Palas⁶ que a ensinara.
Ela, porém, nega-o e, ofendida por causa de tão ilustre mestra, desafia:

³ OVÍDIO, 2017, p. 317-327.

⁴ Na mitologia grega, Tmolos ou Tmolos é um deus das montanhas.

⁵ Rio localizado na Turquia.

⁶ Nome pelo qual a deusa Atena também era conhecida.

“Que venha competir comigo! Se eu for vencida, nada há que recuse!”
 Palas disfarça-se se velha, põe nas têmporas falsas cãs,
 Simula membros enfermos, que sustém com um cajado,
 E começa a falar assim: “Nem tudo o que detestamos pertence
 À idade avançada. É com os anos maduros que a experiência chega.
 Não desdenhes do meu conselho. Inolvidável fama no amanhã de lâ te
 busca entre os mortais.
 Cede à deusa, temerária, e com voz suplicante pede perdão
 Pelas tuas palavras. Ela vai-te perdoar, se lho rogares.”
 (OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 17-33).

Aracne aceita o desafio e zomba da “velhice” de Atena:

Olhando-a com furor, Aracne afastou o fio que puxava
 E, mal sustendo a mão e deixando transparecer em seu rosto a ira,
 Atalhou a disfarçada deusa com estas palavras:
 “Chegas aqui falha de senso e gasta por uma velhice avançada,
 Que muito viver deixa marcas! Ouçam essas palavras
 A tua nora ou a tua filha, se acaso a tens!
 Eu tenho para mim prudência que baste! E não penses
 Que me ajudaste com os teus conselhos! Mantenho minha decisão.
 Por que não vem ela em pessoa? Por que evita este desafio?”
 Diz então a deusa: “Já veio!” E, despindo o aspecto de velha, assumiu
 o de Palas.
 Adoram a divindade as ninfas
 E as mulheres de Migdônia⁷. Só Aracne é que não teve medo.
 (OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 34-44)

Durante a competição, Aracne borda as traições de Júpiter, pai de Atena. E, furiosa com o resultado, a deusa rasga o trabalho da então rival e a golpeia:

Bordeou as extremidades com ramos da oliveira da paz (é esse o remate) e concluiu a obra com a sua árvore.
 A Meônida representa Europa enganada pela figura do touro⁸.
 Julgar-se-ia o trouro real e real o mar.
 Europa parecia que olhava as terras para trás,
 Que gritava pelas companheiras e receava o contato da água,
 Que ondula, e que timidamente recolhia os pés.
 Fez também que Astéria estivesse presa por uma águia, que lutava;
 Fez que Leda se reclinasse sob as asas de um cisne⁹.
 Mostrou como Júpiter, disfarçado na figura de um sátiro,
 Engravidou a bela Nicideida com dupla gravidez; (...)
 A loura heroína ficou fora de si com o resultado,
 Fez em pedaços os vestidos bordados com os crimes dos deuses
 E, com a lançadeira do monte Citoro, que tinha à mão,
 Bateu três ou quatro vezes na frente da filha de Ídmon, Aracne.
 (OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 101-133).

⁷ Antiga cidade da Macedônia, também conhecida como Apolônia.

⁸ Referência ao mito do rapto de Europa, onde Júpiter se disfarça de touro e a sequestra.

⁹ Referência ao mito de Leda, que é seduzida por Júpiter disfarçado de cisne.

Após ver sua obra rasgada, a orgulhosa Aracne tenta se enforcar. Atena não deseja sua morte, mas a pune por ter ofendido sua família: a deusa impede o suicídio e transforma a jovem em uma aranha:

Orgulhosa, a infeliz não agüentou e atou um laço ao pescoço.
 Compadecida, Palas susteve-a, quando já estava suspensa,
 E falou-lhe assim: “Vive, todavia, mas vive suspensa, malvada.
 E, para não teres esperança no futuro, seja a mesma pena
 Decretada para tua família e teus mais remotos descendentes.”
 Depois, ao partir, aspergiu-a com a seiva da erva de Hécate.
 Ao serem atingidos pela sinistra peçonha,
 Os cabelos caíram e, com eles, caíram o nariz e as orelhas,
 A cabeça reduziu-se-lhe, e todo o corpo ficou diminuto.
 Em lugar de pernas, pendem lateralmente uns mirrados dedos.
 Tudo o que mais é ventre, de onde, contudo, desprende ela um fio.
 E, sendo ela aranha, vai tecendo as antigas teias.
 (OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 134-145).

Pelo viés etiológico, a versão do mito narrado por Ovídio apresenta a origem de um animal: a aranha. Já pelo viés social, o mito representa o imaginário romano. O imaginário é expresso por meio de ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos (BACZKO, 1984, p. 54).

A transgressão à deusa Atena teve conseqüências na vida de Aracne. Ao perceber o quão promissor era seu talento, a jovem se compara a uma divindade, e quando esta é desafiada pela própria, não demonstra medo, o que pode caracterizar uma arrogância. Ao apresentar-se pessoalmente, Atena recebe a adoração de todos, menos de Aracne (OVÍDIO, *Metamorfoses*, VI 39-44). Além disso, a jovem ainda enfurece a deusa após bordar os casos envolvendo Júpiter. Isto para Atena teria sido uma transgressão, digna de castigo, que foi proporcionado no final: além de golpear Aracne na cabeça, a deusa a transformou em aranha.

Sendo o mito uma história verdadeira e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo (ELIADE, 1972, p. 6), a narrativa de Ovídio não possuiria apenas um caráter lírico e etiológico, mas também moral. Narrar a trajetória de um humano até o seu caos perante os deuses significa representar o que poderia ocorrer se a *pax Deorum* fosse transgredida. O mito de Aracne, portanto, pode estar relacionado com a política do Principado de manter a ordem, que era garantida pela boa relação entre homens e deuses.

Conclusão

O período compreendido entre as guerras civis e o Principado em Roma foi marcado por políticas moralizantes, tanto antes quanto durante a ascensão de Augusto como *princeps*. Desde Sulla, Roma passou por diversas mudanças em seu cenário político. O que não mudou foi a crença da sociedade em seus deuses. O caos estaria distante se as divindades estivessem por perto.

Augusto enxergou nisso, uma oportunidade para sua legitimação. Surgiu como aquele que enxergava e era capaz de efetuar os desígnios do destino de manter Roma em paz com os deuses e de manter a prosperidade através do retorno do agricultor aos campos e do fomento ao comércio (PIRES, 2014, p. 128). Era o *pontifex maximus*, vestia-se inclusive como uma divindade:

Mas Apolo era o seu deus. Circulava em Roma uma história maravilhosa. Garantia-se que Ácia se havia um dia unido ao deus, no seu templo do Campo de Marte, e que Otávio nascera deste amplexo. Otávio nada fazia para apagar esta lenda. Pelo contrário, enquanto participava de um banquete (privado), Otávio aparecera fantasiado de Apolo (GRIMAL, 2008, p. 43).

A literatura também foi importante para legitimar o Principado. Por motivos ainda não esclarecidos, Ovídio fora exilado por Augusto. Talvez por suas obras eróticas ou críticas direcionadas ao *princeps* na obra *Ars Amatoria*. Mas o que importa aqui não é saber o porquê de seu exílio. Apesar de renegado pelo alto governante de seu tempo, o poeta escreveu uma obra imensa: enquanto a *Eneida* de Virgílio conta sobre o herói troiano Enéias e a fundação de Roma, Ovídio escreve sobre cosmogonia, mitologia, amor e até sobre a apoteose de Julio César, ambos os Livros presentes em uma só obra.

Como romano e contemporâneo de Augusto, Ovídio a partir das *Metamorfoses*, pode nos entregar muito mais do que apenas lendas. O mito de Aracne, a primeira mão, pode ser visto como uma lenda etiológica, assim como o mito de Narciso no qual origina a flor de nome famoso, ou o de Licaão, que origina a lenda do lobisomem.

O ponto neste artigo, no entanto, é enxergar Aracne como a representação do romano agindo perante à uma de suas divindades. Analisando a narrativa desta forma, é possível relacionar o mito à *pax Deorum*, sendo a lenda um indicativo para as conseqüências das transgressões cometidas pelos humanos diante de seus deuses. A transformação de Aracne em uma aranha, neste caso, conta a origem do animal

conhecido, mas neste caso, conta também sobre um possível final para àqueles que desrespeitarem Atena ou qualquer divindade.

Documentação

OVÍDIO, Publio N. *Metamorfoses*. Tradução por João Ângelo O. Neto. 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 2017.

Referências Bibliográficas

BACZKO, Baczko. *Les imaginaires sociaux: Mémoire et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984

BELTRÃO, Claudia da Rosa. A Religião na Urbs. In: DA SILVA, G. V; MENDES, N. M.

Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

FOWLER, W. W. *Religious Experience of the Roman People*. Wokingham: Dodo Press, 2008.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *O Século de Augusto*. Trad. Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, LDA, 2008.

MENDES, Norma Musco. *Roma Republicana*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PIRES, Thiago de A. L. C. Propaganda Política no Principado Augustano: as artes como forma de discurso (27 a.C. – 14 d.C.). In: *Revista Plêthos*. Rio de Janeiro: UFF, 4, 1, 2014. P. 117-136.

PORTO, V. C. O culto imperial e as moedas do Império Romano. In: *Phoînix*. V. 24, N. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018. P. 138-154.

SELEPRIN, Maiquel José. *O mito na sociedade atual*. Paraná: Pontificia Universidade Católica do Paraná, 2010.